

BERGSON E A EVOLUÇÃO DA VIDA

BERGSON AND THE EVOLUTION OF LIFE

Ana Beatriz Antunes Gomes¹

Resumo: Bergson sustenta que a ordem vital é essencialmente um processo inesgotável de criação. A vida é um aspecto expressivo do tempo que, por sua vez, é autônomo e independente do espaço e do sujeito, bem como irreduzível às funções quantitativas de medida. Trata-se da natureza qualitativa e virtual de toda diferença que devém natureza viva por uma atualização irresistível. Contudo, não é menos verdade que a vida se apresenta comumente menos em sua essência movente do que por meio de seus acidentes de percurso, recortando individualidades e se hipnotizando em generalizações ou repetições diversas, que imitam antes a ordem física, quiçá a geométrica. Pretendemos nesse Artigo acompanhar o movimento do impulso vital - responsável por conduzir o processo de diferenciação de virtual à atual - em sua força explosiva, em suas nuances, obstáculos encontrados e sua inevitável superação ao compor novidades radicalmente imprevisíveis. Desse modo, compreenderemos que o traço característico da evolução biológica não é a capacidade de adaptação das formas vivas ao meio que lhes impõe condições de existência, mas, sim, sua intrínseca potência criadora que prolifera composições entre a matéria e o espírito - direções diversas e até extremas de duração.

Palavras-chave: Impulso Vital. Matéria. Vida. Diferenciação. Evolução.

Abstract: Bergson maintains that the vital order is essentially a process of endless creation. Life is an expressive aspect of time, which is autonomous and independent of space and subject, as well as irreducible to the quantitative functions of measurement. It concerns the qualitative nature of the difference that becomes the living nature by a compelling actualization. However, the fact remains that life presents itself less commonly in its essence than through its accidents, by cutting individualities and hypnotizing itself in several generalizations, which mimic the physical order, perhaps even the geometric order. We intend in this article to follow the movement of the vital impulse - responsible for leading the process of differentiation from virtual to actual - in its explosive force, in its nuances, in the obstacles encountered and in their inevitable overcome through the making of radically unpredictable novelties. Thus, we understand that the characteristic feature of biological evolution is not the adaptability of life forms to the way imposed by the conditions of existence, but rather its creative power that proliferates compositions between different (and even extreme) directions in duration, as matter and spirit.

Keywords: Élan Vital. Matter. Life. Differentiation. Evolution.

A natureza sempre foi alvo da nossa inteligência. Ordenamo-la segundo a exata medida em que isso satisfaz nossa existência. Transformamo-la em uma idéia. Nossa experiência comum nos oferece diariamente tal e tal vivo determinado, manifestações da vida que repetem aproximadamente formas e fatos já conhecidos. O espírito embriaga-se de conhecimento, esquece que sua maior força está para além dos limites

¹ Doutoranda - Cotutela entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Université de Toulouse II.
E-mail: anabeatrizag@gmail.com

de seu corpo orgânico e de suas vontades pessoais que, contudo, conduzem até mesmo suas pretensões de verdade. Ao encontrar aplicação de suas manobras inteligentes na matéria, sente-se rei de toda vida, manipula ambos com igual poder sem saber a incrível solidão em que realmente se encontra. Seus mecanismos e operações podem muito bem funcionar, revelando possível acordo entre sujeito e objeto, porém isso nada fornece da essência da própria vida nem da matéria nem mesmo evidencia que é necessário haver no espírito uma soberania do Eu. Com nossos hábitos naturais, tendemos a exercer certo poder sobre o mundo, recortando-o arbitrariamente de acordo com nossas utilidades. Somos orientados por pontos fixos, valores invariáveis, estados uniformes, sem cuja referência e imobilidade nosso sistema sensório-motor estaria condenado ao fracasso. A brutalidade de nossa condição não condiz com as sutilezas da vida em si, que, por outro lado, é criação incessante. Intelectualizá-la é justamente furtar-se à sua multiplicidade qualitativa. Para instaurar-se no domínio das forças vitais, é preferível antes a imediatez de um instinto do que a complexidade de uma idéia.

A matéria, por sua vez, também não é tão estática como nossa inteligência pode supor, embora tenda para a determinação. Enquanto tocada pelo tempo, a matéria deve ser considerada um todo indiviso, antes um fluxo do que uma coisa. Segue-se que o que tomamos por ela também nos é relativo. Presos em nossa condição humana, acreditamos que nossas percepções se estendem igualmente entre todos os seres do mundo. Assim, inventamos relações estritamente unilaterais com o resto dos seres e coisas do universo. Moralmente, acreditamos em apenas um único modo de vida. Exigimos que ele seja seguido e julgado virtuoso. Sobretudo, o nosso entendimento cria uma unidade ficcional para toda a natureza, inclusive como se ela estivesse pronta e acabada.

Todo movimento, parecendo-nos contingente, incita mistérios a respeito da origem e da existência do universo. Queremos que sua gênese tenha se dado de um só golpe ou que seja um desdobramento sucessivo das idéias de Deus. Procuramos na religião ou na ciência algo que fundamente um início para o tempo ou uma justificação para o devir. Acreditamos que pensar “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “Por que o que vive tem de morrer?” consiste em uma maravilhosa riqueza de espírito. Enganamo-nos. A força do espírito não está nesse tipo de investigação. A fraca psicologia do consolo quer evitar a dor da mudança, coloca a felicidade ao lado da eternidade, quer a segurança de um mundo completamente cognoscível. O pior é que, com isso, provoca-se ainda mais infelicidade por ignorar a irreversibilidade temporal

que não poupa certezas subjetivas. Formulam-se problemas para o pensamento de acordo com as tendências da moralidade. No fundo, querem um mundo sem tempo, sem memória, o que configurou o ideal clássico da ciência durante séculos. Ignoram que o problema não é a criação do tempo, mas a bela afirmação de que o tempo é criação. Até o Big Bang revela-se uma resposta grosseira.

Contudo, o mais poderoso exercício de pensamento estaria na simplicidade da própria natureza, na espontaneidade de seu movimento, na sua liberdade inventiva. Nesse sentido, é possível enveredar um estudo acerca da natureza mais intuitivamente, libertando-o de antropomorfismos e recolocando os problemas que circunscrevem o tema agora sob a perspectiva do tempo. Eis que o grande filósofo Henri Bergson aventura nosso pensamento na evolução da vida, distinguindo as direções gerais do princípio criador, fazendo-nos notar as dificuldades que sua liberdade encontra e que engendram um mundo organizado em hábitos. Não se propõe uma tarefa descritiva das formas constituídas pela qual elas seriam tratadas com demasiada relevância, além de tomarmos o movimento de uma para a outra como um intervalo. Desde já, colocamos que é a evolução o traço característico da vida, não suas manobras particulares que pretendem a perpetuação. O movimento é primeiro e último em relação a qualquer ser vivo. Acima de tudo, não tem fim, nada está feito, o universo cresce, pois a duração se desdobra continuamente, espalhando diferenças. Não se trata, também, da criação continuada cartesiana pela qual o mundo morre e nasce a todo o momento, como se fosse tecida pela adição de instantes. Na filosofia bergsoniana, é o prolongamento do passado que inventa o presente. Incorpora-se à instabilidade e à indeterminação, que se tornam expressões alegres da vontade criadora a qual movimenta a natureza continuamente em direção a novidades absolutamente radicais. Além disso, partindo de um monismo do tempo, admira-se com a multiplicidade de durações que, não obstante, são linhas melódicas que se atravessam, compondo a bela sinfonia universal. Processos geológicos e séries evolutivas na biologia constituem sínteses tão completamente distintas que seus encontros produzem conjuntos ricos e singulares de vidas e paisagens.

O tema do evolucionismo bergsoniano apresenta uma distinção irreduzível entre a noção de *sobrevivência* e a noção da *vida* em seu sentido mais amplo. Essa diferença conceitual determina que a primeira tem como base a conservação, utilizando-se de crenças que tornam o sujeito e o corpo estáveis, orientados de maneira confiável, para não dizer previsível. A segunda, por outro lado, remete exclusivamente à criação, esclarecendo que o universo cresce indefinidamente, ele não está dado, é um Todo

aberto e atuante, jorro incessante de novos mundos. Certamente, subsiste algo dessa liberdade na evolução das espécies vivas, tanto é que por meio da intuição, violentando a ordem habitual de nosso funcionamento orgânico, podemos coincidir com o princípio estético desse elã vital ao nos colocarmos logo de saída na continuidade de nossa própria duração interior, que não pode ser alcançada por um mero desvio da inteligência. Cabe, portanto, determinar que movimento é esse que possui uma potência criadora que prolifera a indeterminação e qual o movimento inverso que desfaz essa força, instaurando uma resistência ao fluxo livre e imprevisível de novidades, sobretudo recortando seres vivos e organizando hábitos. O desenvolvimento dessas questões levará à compreensão de conceitos precisos, como o tempo e a matéria, bem como à clareza referente às diversas formas de individuação, produzidas pelas linhas divergentes desse processo evolutivo de diferenciação, incluindo a constituição da própria natureza humana e suas possibilidades de superação.

Evoluir não é progredir do pior para o melhor, não segue um grande plano de conjunto pré-estabelecido, tampouco uma ordem mecânica. É, pelo contrário, continuidade irreversível que impõe que a realidade seja só criação. Evoluir é instaurar novidades, estudar a evolução é necessariamente perder a consideração estática de mundo. É um “transformismo”, a própria diferenciação da vida, necessidade de crescer em número e riqueza pela multiplicação no espaço e pela complicação no tempo. Todavia, há várias maneiras de se considerar o evolucionismo. Existem perspectivas que partem das hereditariedades, filiações, considerando seres individuados como dados e as modificações adicionando-se a eles, ou partindo dos menos diferenciados aos mais diferenciados. Pode-se falar na evolução, tendo como ponto de partida as vantagens biológicas que fazem um organismo individuado se desenvolver, amadurecer nas idades do mundo, demonstrando como a fixidez leva à longevidade. De outro modo, pode-se falar em evolução no sentido das novas formas de vida que aparecem continuamente no mundo, de acordo com o princípio qualitativo das novidades radicais. O primeiro pode ser interessante, mas o segundo é necessário, pois se trata de o único meio possível de encontrarmos a essência da diferença, a diferença em si – o Tempo. Desde já afirmamos que não chegaremos ao movimento criador na evolução da vida a partir dos indivíduos constituídos, tampouco reconstituindo o indivíduo a partir das partes deixadas pelo caminho, como a coleta paleontológica de fósseis. A evolução não pode ser reconstituída com fragmentos do evoluído - o sólido deve resolver-se em algo diverso do sólido.

Imersos no plano das objetividades explícitas, levados pelas tendências da percepção, que responde utilitariamente às necessidades orgânicas, e da inteligência que se move num campo de significações fixas e tem por função ligar o mesmo ao mesmo, sentimos dificuldade de pensar a evolução como um movimento exclusivamente afirmativo, capaz de inserir no mundo novidades absolutamente radicais. De fato, a analiticidade da inteligência coloca-nos em uma distância intransponível em relação aos fenômenos da vida, já que está inteiramente adaptada à manipulação da matéria inerte, sendo incapaz de apreender o vitalismo ao transpor os hábitos dos sólidos para a especulação. Seus mecanismos resultam no homem das deduções racionais, que abusa da linguagem, falseando o pensamento ao centrá-lo nas questões do Ser, justamente para justificar a sua lógica, que se sobrepõe às livres experimentações do mundo. Porém, o que há de mais íntimo ao espírito senão sua duração interior, ou, em outros termos, a sua vontade? A intuição mantém esta simpatia com as forças puramente vitais e Bergson a reivindica para libertar o pensamento da ilusão que é o próprio conhecimento, desembocando enfim nas operações expressivas da evolução da vida, revelando que seu sentido é antes estético do que racional. Sabe-se que a experiência da percepção tem por objeto a matéria. A experiência da intuição, por outro lado, tem como objeto o espírito. A intuição como um método é a maneira possível do homem superar a sua condição habitual e encontrar os problemas que estão para além e para aquém dele, como as tendências da duração e da materialidade pura.

Pela direção natural da inteligência, aceitaríamos com prazer a explicação darwinista das variações insensíveis ou bruscas, que introduzem um par de conceitos que se conjugam numa interpretação enfraquecedora do movimento evolutivo, a saber, o acaso e a adaptação. Em suma, na primeira, as mutações genéticas ocorridas por mero acidente permanecem adormecidas até que possam se relacionar com outras que as complementem e lhes permitam se desenvolver; caso contrário, desaparecem por não sofrerem adaptação possível às circunstâncias. Na segunda, ao invés de uma sucessão de incalculáveis semelhanças infinitesimais, de um só golpe o acaso é capaz de complicar um órgão maravilhosamente regrado com as outras partes e prolongando complicações anteriores. Para justificar esse argumento pela seleção natural é preciso, primeiro, que se pergunte como as combinações perfeitas foram possíveis por mero acidente. Bergson encontra nessas noções de evolução uma insuficiência tão significativa que distancia o estudo sobre o evolucionismo do movimento que o define e o torna possível. Ora, ele nos lembra que é certo que as circunstâncias impõem condições de existência à

evolução, mas uma coisa é reconhecer que o meio exterior é uma força que a evolução deve levar em conta, outra é sustentar que se trata da causa diretriz da evolução. Segundo esta última hipótese, construímos a impossibilidade da criação nas formas surgidas, isto é, tudo se resume a uma acomodação sistemática. Aliás, se a vida tivesse seguido essa maneira de se desenrolar, ela poderia muito bem ter prescindido de evoluir, já que o organismo constituído busca os meios mais fáceis de conservar-se cristalizado, distraído sobre si mesmo, e, para isso, desprende o mínimo possível de energia. Não são capazes de darem conta do princípio que justamente leva à variação contínua dos seres vivos, pois mesmo o estudo dos fósseis evidencia que a vida poderia ter se paralisado em formas primitivas ou, no máximo, ter progredido em limites muito restritos. Costuma-se introduzir o tema do acaso como essencial para justificar a diferenciação. Ainda assim, tal idéia das variações vitais ocorridas por puros acidentes explicita objeções claras quanto à natureza da diferença colocada no mundo e quanto à sua possibilidade de associar-se a outras também acidentais na construção bem sucedida de um órgão. Ora, sendo elas sempre frutos do acaso são umas para as outras indiferentes e, portanto, não têm o poder de coordenarem-se por adição sucessiva. Além disso, são inteiramente passivas, uma série de efeitos surpreendentes que se encadeiam por alguma razão obscura. Esta hipótese levaria toda convergência a ser considerada milagrosa, já que séries completamente diferentes de acidentes, que foram se acrescentando e se conservando mediante seleção do mais vantajoso, desembocariam na construção de aparelhos idênticos, tal como o olho, que aparece igualmente em vertebrados e moluscos, por exemplo. Como poderiam chegar a resultados similares pela adição de partes surgidas ao acaso?

Certamente, a diferença vital só pode ser pensada como diferença interna, a tendência para mudar sendo interior ao vivo e não algo que se dá acidentalmente. Trata-se de uma expressão ativa. É a atualização em séries ramificadas heterogêneas de um princípio simples e virtual que só se divide mudando de natureza. Nesse sentido, sustentamos que o órgão da visão seria, antes, constituído por um ato indiviso com seus elementos coordenados dispostos progressivamente, segundo uma direção definida. Porém, não devemos confundir as mudanças, que são produtos de um esforço direcionado, com as determinações de um plano de conjunto pré-determinado, que desemboca em teorias transcendentais. O finalismo crê que tudo está dado por antecipação e que o presente contém o porvir. Na verdade, a evolução deve ser pensada

superando tais teorias mencionadas, pois ela é pura criação, “o que significa que o porvir transborda seu presente e não poderia desenhar-se nele por meio de uma idéia.”²

A trilha evolutiva do mundo dos organismos não está pré-determinada desde a origem, as criações desenvolvem-se por caminhos imprevisíveis, caso contrário, nem se poderia falar em criação. Konrad Lorenz (1986), o “pai da etologia”, combate o sentido “utilitário” dado aos órgãos, uma vez que a conquista de um novo nicho ecológico, por exemplo, modifica certas propriedades funcionais. Dessa forma, dispositivos orgânicos, que eram necessários para a preservação da espécie, tornam-se inadequados. Não obstante, diante de tais elementos tornados indiferentes ou mesmo prejudiciais, há um aproveitamento das possibilidades materiais disponíveis, isto é, uma recodificação de suas funções. O sentido original do órgão perde-se e se aliena das novas articulações da vida.

É simplesmente inacreditável quanta coisa pode surgir de órgãos fora de uso. De um orifício branquial surge um ouvido, de uma articulação mandibular surgem ossículos auditivos, do olho pineal de antigos vertebrados surge a glândula pineal, uma glândula de secreção interna, e do endóstilo, um aparelho de filtração recoberto de cílios que os primeiros vertebrados já tinham, surge a tireóide – isto para citar apenas uns poucos exemplos.³

Em suma: o organismo é compreendido como problema da natureza – continuamente revisto e atualizado. O neodarwinismo ensina que as variações são possíveis em virtude de diferenças inerentes ao germe, do qual o indivíduo é portador, sendo capaz de passá-las adiante. Contudo, compreende as diferenças como sendo individuais e acidentais. Ora, essa pressuposição dificulta a liberdade de pensar que as diferenças podem aparecer em todos os representantes, ou muitos, de uma espécie por uma impulsão criadora. A teoria das mutações, por sua vez, já modifica profundamente o darwinismo quando constata que, transcorrido um longo período, a espécie tende a se modificar inteiramente. Poderíamos dizer que a genética nos apresenta os mínimos elementos biológicos da constituição dos seres, mas, por conseguinte, por estar concentrada nos fatos, peca nas interpretações gerais. O neolamarckismo, por sua vez, aborda a transmissão hereditária de hábitos contraídos, pois as mudanças são para eles resultados de esforços individuais, voltados para contornar dificuldades dadas. Com efeito, um dos pontos sólidos dos lamarckistas é considerar um princípio de mudança

² BERGSON, 2005. p. 113.

³ LORENZ, 1986. p. 30.

que segue uma vontade ou direção, porém, enfraquecem-no ao relacioná-lo ao indivíduo.

Uma mudança hereditária e de sentido definido, que vai se acumulando e se compondo consigo mesma de modo a construir uma máquina cada vez mais complicada, certamente deve ser remetida a algum tipo de esforço, mas a um esforço bem mais profundo que o esforço individual, bem mais independente das circunstâncias, comum à maior parte dos representantes de uma mesma espécie, inerente aos germes que estes carregam antes que à sua substância apenas e, por isso mesmo, certo de ser transmitido a seus descendentes.⁴

Aqui remetemo-nos à noção bergsoniana do elã original da vida como causa profunda das variações. Há um impulso vital que leva à criação, agindo como um artista que se vê na necessidade incontornável de produzir e, nem por isso, sua obra deixa de ser um produto imprevisível e contingente. A força criadora tem direções, que não se limitam a causas físicas e químicas, mas são expressões da potência expansiva, cujo princípio é sempre a instauração de diferenças. E, ainda, as circunstâncias não moldam gradualmente o organismo, mas são instrumentos que os organismos tendem a tirar proveito à medida que avançam em suas complexidades, ou seja, trata-se da resolução de um problema, de uma atividade. Enfatiza-se que de forma alguma se trata de uma problematização solucionada pelo sujeito, pois estamos no campo da construção dos corpos antes deles se individuarem e se restringirem aos seus processos circulares de organizações habituais, incluindo a possível intelectualização e uma escolha derivada dela.

Pensar a evolução a partir do que está dado na atualidade levará inevitavelmente a teorias de teor ora mecanicista, ora finalista, para não dizer que nos conduzirá a uma série de falsos problemas. Conecta-se, por exemplo, a espontaneidade da contínua criação de formas a um acaso, com sua subsequente adaptação, ou, então, diz-se que a condição para o surgimento das variações é um plano pré-concebido harmonioso e com um fim determinado. O mecanicismo vê apenas posições e o finalismo vê apenas uma ordem. O mecanicismo supõe que tudo é calculável em função de um estado; o finalismo supõe que tudo é determinável em função de um programa. Ambos se furtam à mobilidade mesma, ao processo que é um ato indivisível instaurador de novidades. Em ambos, o tempo é visto como algo que nos oculta o eterno ou que nos apresenta de forma sucessiva o que um Deus veria de um só golpe. Colocar o

⁴ BERGSON, 2005. p. 95.

pensamento na linha abstrata que o define seria, sobretudo, admitir que as formas nada mais são que uma transitoriedade sobre a qual privilegiamos um estado, ou ainda melhor, que não passam de esboços do movimento, sendo, portanto, secundárias e até ilusórias na sua pretensa rigidez. Além disso, quando notamos uma “estrutura” organizada, surpreendemo-nos com sua complexidade, cujo detalhamento nossa inteligência é capaz de enumerar até longamente, segundo os instrumentos técnicos apropriados. Todavia, esse contraste entre a complicação do órgão e a simplicidade de sua função torna desconcertante a construção da máquina orgânica, uma vez que impomos uma consideração demasiado antropomórfica ao ver a organização como produto de trabalho operário, de fabricação, propagando-se pela junção de peças. Ignora-se, dessa forma, que a simplicidade de sua função se deve ao próprio objeto, enquanto sua complexidade infinita se deve aos instantâneos que são tirados pelos nossos sentidos e entendimento, representando-o a partir de símbolos justapostos, que nada mais são que pontos de vista exteriores. Desse modo, ignoramos que, quando a vida se organiza em hábitos, ela não procede pelo conjunto de meios empregados, mas por um conjunto de obstáculos contornados.

A evolução é uma força explosiva, cujos fragmentos podem, por sua vez, explodir em novas linhas evolutivas. Porém, quando seus produtos passam a girar em torno de si próprios, paralisando a ação crescente que é a vida em espécies que visam somente sua comodidade, assumem uma “forma”. A vida estaria precisamente no movimento que cresce, colocando diferenças no mundo e não nesta insistência da materialidade de resistir a ele, alienando seres vivos. Certamente, a diversificação se deve também às múltiplas tendências que se concentram de forma instável na unidade deste impulso vital, vindo, então, a se dissociar e não só às resistências da matéria bruta. É por isso que dizemos que a vida tem a tendência de agir sobre a matéria bruta, dividindo-se e não se associando à maneira de um trabalho humano. A evolução não é um progresso linear, uma vez que opera necessariamente por direções divergentes que podem consistir até mesmo em recuos.

Deleuze e Guattari (2004) nos indicam que no neoevolucionismo cessa-se de pensar a evolução de maneira filiativa, hereditária, podendo até mesmo tornar-se contagiosa, como o caso citado por François Jacob (1983) de que o vírus é capaz de carregar material genético de seres de reinos distintos, comunicando-os, provocando uma relação evolutiva entre heterogêneos. Com efeito, as separações entre as espécies e os reinos, definidas por Aristóteles e aplicadas na ciência moderna pelo botânico e

zoólogo Lineu, são insuficientes no estudo do evolucionismo criador, já que os seres são, antes, tratados por populações que podem fazer alianças livres, transversalizando todo campo da natureza. Essa noção seria até mesmo a essência da natureza, uma vez que ela deve ser definida pelo seu poder inventivo, que persiste depois que todas as ditas formas foram transformadas, deformadas, descaracterizadas; enfim, reveladas enquanto meras transições sem um substrato fixo ou um termo final.

A vida é um movimento, mas acaba perdendo-se na forma material viva que suscita. Por isso, podemos dizer que toda espécie é uma parada do movimento: furta-se ao acontecimento do movimento vital que se efetuou em estados de coisa. Então, concluímos que a evolução não pode ser traduzida simplesmente por uma história natural, responsável por analisar os fatos e suas sucessões cronológicas, mas que trata, sobretudo, de uma metafísica intrínseca à vida. Vê-se, por conseguinte, que as genealogias propostas para as diferentes espécies são problemáticas e variam segundo os detalhes extraídos como critérios de análise. Bergson, pelo contrário, se vê na tarefa de definir as direções principais da evolução sem se preocupar com a ordem sucessiva que os naturalistas buscam. Deve-se explicitar, desde o princípio, que aquilo que separa as diversas direções que a vida tomou não será alcançado pela mera análise das características. Esse método é ineficaz e esta visão pressupõe que haja atributos pertencentes a cada ser constituindo sua essência enquanto tal. Inclusive Bergson anuncia que esse tipo de análise nunca deu certo, pois não há nenhuma característica que seja exclusiva de um reino só. Sabe-se, entretanto, que há um princípio estético que leva à fluidez da natureza e que opera fazendo jogos de proporções com as múltiplas tendências que estavam misturadas no elã vital e que vão se depositando à medida que ele avança inserindo indeterminação e liberdade na matéria. Cada ramificação traz testemunho da totalidade subsistente, podendo manifestar uma maior tendência em acentuar esta ou aquela maneira de viver. Apenas um estudo das tendências é apropriado para pensar as divergentes atualizações das diferenças puras, afastando de vez a noção passiva do acaso como responsável pela novidade. É preciso, sobretudo, evidenciar que um estudo das “causas” nunca nos levará ao conhecimento das coisas, como queria Aristóteles. Pelo contrário, trata-se de um procedimento retroativo do intelecto humano, portanto posterior à coisa, que procura pelas propriedades espaciais ou em algo constituído anteriormente à condição de sua existência. Ao fazê-lo, não encontramos a diferença interna da coisa, mas o resultado de uma mediatização operada pelo entendimento que impõe relações de representação e semelhança, exteriorizando a

diferença, colocando-a relativamente a outras coisas. O certo é que antes de ser efeito de uma causa, que transcende seu objeto por estar sempre no passado, *a coisa* é expressão de uma tendência que coexiste com ela em sua virtualidade. Só se chega às tendências puras decompondo os mistos de matéria e espírito que a experiência nos oferece, e isso só é possível pela intuição que se serve da nossa própria duração para reconhecer outras acima e abaixo de nós. Apenas um estudo metafísico sobre o tempo será capaz de levar o pensamento para a maior simplicidade, não menos portadora de todas as qualidades até a sua dissociação em atualidades, ou melhor, a colocação de variedades no mundo. Para tal, entrarão em questão os conceitos bergsonianos de duração e memória, de virtual e atual, bem como o já mencionado impulso vital, entendido como processo de diferenciação do tempo.

Enquanto a ciência clássica privilegiava a ordem e a estabilidade, as formulações de hoje reconhecem o papel primordial das flutuações e da instabilidade. A partir de então, as leis da natureza, segundo Ilya Prigogine (2000), não exprimem mais certezas e sim possibilidades. A introdução da instabilidade na teoria quântica leva à quebra da simetria do tempo. Nesse sentido, há na natureza eventos que não são dedutíveis de suas leis, mas atualizam as suas possibilidades. Usa-se, com frequência, a noção de probabilidade, que de forma alguma é negativa e associada à nossa relativa ignorância, uma vez que todo conhecimento científico, como Hume (1969) nos ensinou, já participa da incerteza que é própria do funcionamento do universo, relegando-nos às crenças e às estatísticas. Contudo, atingir tamanha liberdade, desprender-se das inclinações cômodas à busca de verdades é expressão rara. Há, ainda, na Física determinismo e simetria temporal, sustentando, à maneira de Newton, que dadas as condições iniciais apropriadas, tudo é determinável. Einstein, por exemplo, não poupava nem a conduta humana, fazendo do homem um autômato e da liberdade uma impossibilidade. Para Stephen Hawking, deve-se pensar a cosmologia de forma geométrica, fazendo do tempo um acidente do espaço. De modo contrário, a imprevisibilidade artística não é privilégio humano, é, antes, do próprio mundo. Prigogine também nos aponta que a natureza tem como pressuposto tal abertura para a novidade e a criatividade. A irreversibilidade não pode ser interpretada como mera aproximação executada por nossas limitadas faculdades mentais, mas que “a vida só é possível num universo longe do equilíbrio”⁵. Isso significa que os processos

⁵ PRIGOGINE, 1996. p. 30.

irreversíveis desempenham um papel construtivo na natureza. Além disso, ele também busca esclarecer que é importante não confundir não-equilíbrio com a idéia de “desordem”. Bergson dedica parte de sua obra à demonstração de que essa idéia é antes “mais” do que “menos”, pois consiste numa disposição ‘psicológica’ que se adiciona à ausência atual de uma determinada ordem esperada, ou seja, não passa de um problema ilegítimo, mal colocado. Há diversas ordens distintas, só isso. O não-equilíbrio, portanto, instaura novas formas de coerência possíveis, novas organizações derivadas da flecha do tempo, explicitando, ainda, que o que vale é antes a contínua variação do que as construções já feitas. Os sistemas caóticos são um exemplo extremo de sistema instável, cujas trajetórias que correspondem a condições iniciais divergem de maneira exponencial ao longo do tempo, gerando comportamentos aleatórios. As leis de Newton pressupõem que, conhecendo um certo estado de um sistema num instante qualquer, podemos calcular todos os estados seguintes, bem como todos os estados precedentes. Nesse caso, então, não há diferença entre o passado e o futuro e a liberdade fica comprometida. Todavia, embora sem dúvida apareçam processos reversíveis na natureza, eles são apenas exceções e correspondem a idealizações com as quais a ciência por tanto tempo se agenciou. Os processos macroscópicos de reações químicas, fenômenos de transporte, radiação solar são todos efeitos de processos irreversíveis. Os processos irreversíveis são a regra e a condição para todo acontecimento da ecossfera. Eis o tempo - que tanto costumamos a apreender - como problema central do pensamento, finalmente estendendo-se à esfera científica.

Eu gostaria de sublinhar a convergência entre os resultados da termodinâmica de não-equilíbrio e as filosofias de Bergson ou Whitehead. O possível é mais rico que o real. A natureza apresenta-nos, de fato, a imagem da criação, da imprevisível novidade. Nosso universo seguiu um caminho de bifurcações sucessivas: poderia ter seguido outros. Talvez possamos dizer o mesmo sobre a vida de cada um de nós.⁶

Ora, atingir tamanha simplicidade exige certo percurso do espírito, já que o dado imediato não é imediatamente dado. E, assim, atravessamos nossas condições e os estados de coisa para fazer falar o princípio do tempo com seu funcionamento imanente para compreender, finalmente, como ele pode mascarar-se em individualidades aparentemente fechadas e em sistemas aparentemente isolados.

⁶ PRIGOGINE, 1996. p. 75.

Mas a intuição tem uma segunda característica: assim compreendida, ela se apresenta como um retorno. Com efeito, a relação filosófica que nos insere nas coisas, ao invés de nos deixar de fora, é mais restaurada do que instaurada pela filosofia, é mais reencontrada do que inventada. Estamos separados das coisas, o dado imediato não é, portanto, imediatamente dado; mas nós não podemos estar separados por um simples acidente, por uma mediação que viria de nós, que concerniria tão-somente a nós: é preciso que esteja fundado nas próprias coisas o movimento que as desnatura; para que terminemos por perdê-las, é preciso que as coisas comecem por se perder; é preciso que um esquecimento esteja fundado no ser.⁷

Sabe-se que o passado puro é a diferença em si mesma, que se cria continuamente. Esse movimento virtual não é linear e único - faz coexistir uma multiplicidade de tendências que vão se acumulando. Quando imersas na virtualidade, concentram-se em uma harmonia inicial. Pode-se dizer, por isso, que o passado puro é o próprio virtual, pleno de qualidades puras. Este é o aspecto memorial do tempo prestes a se atualizar. Para a realização atual da diferença, entretanto, é preciso que ela seja conduzida pelo impulso vital para atravessar a matéria. Tal acontecimento implica uma nova diferenciação, pois atualizar é também inventar. O impulso vital entra em contato com a matéria explodindo suas tendências implícitas em múltiplas linhas divergentes expressivas. Leva-se em conta também a resistência da matéria que desacelera a força criadora e a faz tomar caminhos às vezes totalmente inusitados; outras vezes, a faz explodir novamente em novos fragmentos. Cada realização é expressão de uma das múltiplas tendências concentradas no *elã*. Para que possamos recuperar a verdadeira natureza da atividade vital, será preciso recompor os elementos depositados em cada linha de desenvolvimento com a direção tomada pelos vertebrados em geral, que desembocou no homem em particular. É possível avistá-lo, ao menos, porque a harmonia do *elã* vital não está na execução final de um plano pré-existente, mas na unidade inicial do impulso diferenciante, cujo destino é absolutamente imprevisível. Basta, então, examinar a força diferenciante de suas performances seriais. Vê-se que o mundo organizado não é harmonioso, ele admite perfeitamente discordâncias e incompatibilidades pelas quais a vida é obrigada a se lançar em direções múltiplas. A propósito, cada espécie e, até mesmo, cada indivíduo só realiza um certo aspecto da impulsão global da vida. Uma vez constituído, tende a utilizar sua energia em seu próprio interesse, possibilitando o conflito com outras formas de vida.

⁷ DELEUZE, 2004. p. 126

A harmonia não existe, portanto, de fato; existe antes de direito: quer dizer, o elã original é um elã comum e, quanto mais pra trás voltamos, mais as tendências diversas aparecem como complementares umas às outras. Do mesmo modo, o vento que irrompe em uma encruzilhada divide-se em correntes de ar divergentes, que são todas apenas um único e mesmo sopro.⁸

Trata-se da continuação do mesmo elã que, ao crescer até certo ponto, impossibilitado de desenvolver suas tendências sem elas se tornarem incompatíveis entre si, teve de dissociá-las. Sendo assim, cada diferença vital do elã tomou um rumo que foi se construindo atualmente pela afirmação de criações puríssimas. Cada direção afirma sua independência e, por vezes, desvia-se caprichosamente do impulso original. Bergson insiste que a vida não é feita de elementos físico-químicos, ela é um processo indivisível de criação e o que chamamos de elementos (existentes de maneira separada) são vistas tomadas de nosso espírito. A mecânica superficial de deslocamentos é apenas um caso particular da transformação contínua que acontece em profundidade, isto é, apenas sua projeção no campo quantitativo e sucessivo. Dizer que a vida é criação é atestar que não há meramente uma síntese de elementos. Se assim fosse, sua síntese posterior estaria dada virtualmente nos elementos pré-existentes, sendo um dos arranjos possíveis. Ora, vemos que há uma contingência radical no progresso do tempo, uma incomensurabilidade entre o que precede e o que se segue.

Nota-se, portanto, que no processo de diferenciação do tempo há, primeiramente, a sua mudança de natureza, que o torna sempre outro. Depois, a irresistível e inevitável atualização das qualidades heterogêneas, cuja realização só é possível por meio do impulso vital. Este movimento carrega a diferenciação para penetrar na matéria bruta, provocando a evolução. Esta pode ser dita “criadora” porque não se resume em copiar um modelo virtual, mas se trata de uma nova diferenciação, imposta no contato com a matéria. Sendo a matéria um sentido quase oposto da contração diferenciante, ela coloca uma série de dificuldades que o vivo insurgente tem que contornar. Nesse ponto, às vezes entram explicações diretas ou indiretas do fenômeno da adaptação – Bergson rejeita ambas. Com efeito, “o lugar ao qual se chega não desenha a forma do caminho que se tomou para chegar até ele.”⁹ As primeiras consideram as condições exteriores capazes de causar diretamente a variação dos

⁸ BERGSON, 2005. p. 55.

⁹ BERGSON, 2005. p. 61.

organismos em um sentido definido pelas modificações físico-químicas que determinam a substância viva (Eimer). As segundas creem que as condições exteriores se exercem de modo indireto, favorecendo, na concorrência vital, aqueles que por acaso se inserem melhor nas condições de existência (Darwin). De qualquer forma, seja atribuindo às condições exteriores uma influência positiva, suscitando variações, seja uma influência negativa, eliminando variações, ambas supõem que há um ajustamento perfeito do organismo ao seu meio. Entretanto,

ainda não há forma e é à vida que caberá criar para si mesma uma forma apropriada às condições que lhe são impostas. Será preciso que tire partido dessas condições, que neutralize seus inconvenientes e que utilize suas vantagens, enfim, que responda às ações exteriores pela construção de uma máquina que não tem nenhuma semelhança com elas. Adaptar-se não consistirá mais aqui em “repetir”, mas em “replicar”, o que é inteiramente diferente.¹⁰

Os organismos, assim, não estão submetidos a uma adaptação passiva, mas são capazes de responder ativamente ao problema colocado pelas condições com soluções. A sua direção qualitativa contorna obstáculos, adotando deles o que pode contribuir para sua expressão. Há nesse processo um ato afirmativo, que Bergson chama de criação das novidades radicais. A concorrência vital e a seleção natural não podem ser de auxílio algum para esse problema, já que se olha para aquilo que foi conservado e nem sequer se considera aquilo que desapareceu. As formas que se conservaram nada podem dizer do poder de invenção da novidade radical. Considerando-as, também ficamos tentados a dar maior importância às condições exteriores do que à necessidade de expressão da própria diferença. Além disso, nem toda construção orgânica evidencia uma utilidade. Por exemplo, a sexualidade nas plantas não parece resultado da adaptação. Na verdade, é muito mais considerada como um luxo que a natureza poderia muito bem ter desprezado. Que não nos confundamos, portanto, a respeito dessas duas “adaptações”. Acreditamos apenas na atividade, muito embora ela mesma comece a ser exercida sem chamar muita atenção. Convenientemente, ela tira proveito das circunstâncias, começando por adaptar-se a elas passivamente até que possa assumir o controle do movimento e passe a reagir ativamente. “A vida procede por insinuação”¹¹. Por exemplo, o primeiro rudimento do olho aparece na mancha pigmentária dos organismos inferiores, podendo ter sido perfeitamente produzida fisicamente pela ação da luz. Mas

¹⁰ BERGSON, 2005. p. 63.

¹¹ BERGSON, 2005. p. 77.

não devemos tomar o acaso como o que impulsiona o seu desenvolvimento em direção à visão dos vertebrados. O novo para surgir contorna alguns obstáculos materiais. A vida é a própria liberdade que para se expressar precisa atravessar as resistências da matéria bruta. Quando se pôs a surgir nos seus primórdios, a vida se fez muito pequena e humilde, usando a máscara da própria matéria bruta, tanto é que dos primeiros fenômenos vitais não se consegue distinguir muito bem se ainda são apenas processos químicos, ou se já são vivos. São massas de protoplasma quase indiferenciado, imitando seu obstáculo para que sua existência viesse a ser simplesmente possível.

A organização é construída à medida que o ato indiviso do impulso vital é limitado por forças contrárias. Mesmo assim, seu esforço tende a produzir um efeito em bloco, contornando dificuldades, variando então conforme o elã possa ir mais ou menos longe em sua direção. Mas essa canalização inevitavelmente contribui para a imensa variedade de formas que a vida semeia ao evoluir. Há, de uma forma geral, três aspectos necessários para o ato de organização: primeiro, a qualidade virtual do tempo, que tende a expressar sua diferença na vida; segundo, o impulso vital explosivo, que a comunica à matéria bruta, conferindo consistência à criação em processo; terceiro, explosão que se dá entre essa duas correntes contrárias – indeterminação e necessidade – e consequente organização final de uma vida inteiramente nova. É bom lembrar que a consistência, isto é, a qualidade vital, só permanece latente no produto organizado se ele não se deixar hipnotizar sobre o próprio movimento, tornando-se circular e nada mais que um hábito. Inclusive, a mesma propensão a dividir o movimento evolutivo provoca uma vida a distrair-se pela própria forma que recebeu no acontecimento de sua atualização. O automatismo sempre espreita a liberdade da diferença, que corre um risco imenso de se perder para o esquecimento. A memória vital, necessariamente criadora, desfavorece a perpetuação dos desenhos que a linha evolutiva esboçou, pois só pretende continuar seu movimento.

É certo que a fragmentação da vida explica-se tanto pela força explosiva que o elã vital contém, quanto pela resistência que a matéria impõe. Porém, o que constitui a própria essência da dissociação não está na contingência material e sim no equilíbrio instável de tendências que a vida carrega em si. A vida – corrente criadora – é uma tendência, cuja essência é “desenvolver-se na forma de feixe, criando, pelo simples fato de seu crescimento, direções divergentes entre as quais seu elã irá repartir-se.”¹² As

¹² BERGSON, 2005. p. 109.

suas bifurcações constituem séries divergentes, nas quais se desenvolvem populações de maneira independente. Trata-se de um número incalculável de vidas que conservam as diversas tendências. Ora, sem dúvida há um progresso no desenho de formas cada vez mais complexas. Entretanto, é muito mais frequente observarmos infindáveis vias secundárias nas quais se multiplicam os desvios, as paradas e os recuos, dada a multiplicidade quase infinita do elã. No entanto, nunca poderemos chegar à tamanha riqueza presente na unidade fecunda do elã, já que isso só seria possível somando todos os personagens do mundo organizado se este estivesse ou pudesse chegar a ser uma ficção completa e acabada. Enfim, sabemos que sob este plano de organização, responsável por perpetuar os fragmentos pulverizados, que inclusive nos são mais fáceis de identificar em virtude de estarem espacialmente mais próximos, há um plano de composição, no qual as forças vitais multiplicam as diferenças e incentivam a criação incessante na natureza, sem a qual não haveria evolução. Podemos dizer que um corpo vivo é resultado da superposição dos dois planos acima citados. Circunscrevemos, com esse esclarecimento, uma série de problemas filosóficos. Um dos efeitos dessa superposição é apresentar uma tendência a procurar a individualidade, ao mesmo tempo que uma dificuldade em completá-la. Isso significa que o ser vivo é, de início, praticamente isolado pela própria natureza, o que não implica que o sentido vital mais puro tenha esse propósito. Ora, constata-se que o ser vivo é composto por partes heterogêneas que se completam umas às outras e exercem funções diversas implicadas reciprocamente. Porém, sabe-se que

a individualidade comporta uma infinidade de graus e que em parte alguma, nem mesmo no homem, se realiza plenamente. (...) Uma definição perfeita só se aplica a uma realidade já feita; ora, as propriedades vitais não estão nunca inteiramente realizadas, mas sempre em processo de realização; são menos estados que tendências.¹³

As novidades que aparecem no presente não são determinações e sim o exato contrário – são radicalmente indeterminadas, o que quer dizer que não se fixam em qualquer modo de existência específico que venham a adotar, mas estão abertas para futuros imprevisíveis. Portanto, segue-se que a vida é um aspecto expressivo do tempo e este, sua qualificação imanente. O tempo não só é afirmação de diferença: é precisamente a inesgotável ação diferenciante, compreendendo tantas tensões e

¹³ BERGSON, 2005. p. 14.

distensões que, dentre múltiplas composições, é capaz de fazer coexistir matéria e espírito, jorrando novidades na vida e inventando mundos indefinidamente.

REFERÊNCIAS

Livros citados:

- BERGSON, H. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
DELEUZE, H. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2004.
_____. e GUATTARI, F. *Mil Platôs I*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 2004.
HUME, D. *A treatise of human nature*. London: Penguin Books, 1969.
JACOB, F. *A lógica da vida – uma história da hereditariedade*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.
LORENZ, K. *A Demolição do Homem*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
PRIGOGINE, I. *As Leis do Caos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
_____. *O fim das certezas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

Bibliografia consultada:

- ARISTOTLE, *The works of Aristotle – Volume I*. London: Encyclopaedia Britannica, INC., 1952.
BERGSON, H. *Cours I, II, III*. Paris: PUF, 1992.
_____. *Duração e Simultaneidade*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.
_____. *Matéria e Memória*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
_____. *Oeuvres*. Édition du Centenaire. Paris: PUF, 1991.
_____. *O Pensamento e o movente*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.
_____. *Textos e Conferências*. In: Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda., 2005.
DARWIN, C. *The origin of species*. Chicago: Encyclopaedia Britanica, Inc., 1952.
DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Editora Graal, 2006.
_____. *Empirismo e subjetividade*. São Paulo: Editora 34, 2001.
_____. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2005.
DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do Subsolo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.
FRANÇOIS, A. *Bergson, Schopenhauer, Nietzsche: volonté et réalité*. Paris: Ed. PUF, 2008.
GOULD, S.J. *Darwin et les grandes énigmes de la vie*. Pygmalion, Paris: 1979.
_____. *L'éventail du vivant*. Science ouverte, Seuil : 1997.
_____. *La structure de la théorie de l'évolution*. Gallimard, Paris : 2006.
HUME, D. *An enquiry concerning human understanding*. New York: Oxford University Press, 1999.
KANT, E. *Oeuvres philosophiques I et II*. Paris: Ed. Gallimard, 1985.
LAPOUJADE, D. *William James Empirism et Pragmatism*. Paris: PUF, 1997
LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra I – Técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990.
_____. *Evolução e Técnicas I – O homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70, 1984.
LORENZ, K. *Os Fundamentos da Etologia*. São Paulo: UNESP, 1995.
MONTEBELLO, P. *Nature et subjectivité*. Grenoble: Les éditions Jérôme Millon, 2007.

_____. *L'autre métaphysique : essai sur Ravaisson, Tarde, Nietzsche et Bergson*. Paris: Desclée de Brouwer, 2003.

_____. *La matière chez Bergson*, in “Imagens da Imanência”. Rio de Janeiro: Ed. Autêntica, 2007.

_____. *Différences de nature et différences de la nature*, in “Bergson, la durée et la nature”, PUF, 2004.

NIETZSCHE, F.W. *Collection Œuvres philosophiques complètes*. Traduction de l'édition Colli-Montinari, sous la responsabilité de Gilles Deleuze et Maurice de Gandillac. Gallimard, 1970.

SIMONDON, G. *L'invention dans les techniques : cours et conférences*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

_____. *The Genesis of the Individual*. Ed. Jonathan Crary. New York: Zone, 1992.

UEXKÜLL, J. V. *Dos animais e dos homens*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1989.

WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

_____. *Procès et Réalité - Essai de Cosmologie*. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

WORMS, F. *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses, 2000.